

O paradigma da saída

A Igreja em saída na perspectiva ad gentes

de Estêvão Raschiatti

Dizem que, ao ser questionado sobre as possíveis estruturas caducas que a Igreja teria que abandonar (cf. DAp 265), o papa Francisco teria sido bastante perspicaz ao responder que antes é preciso “sair” para enxergar quais destas estruturas é preciso transformar. Portanto, sair, está em primeiro lugar e define a necessidade da missão para toda Igreja como caminho fundamental.

Na sua origem, a palavra “missão” significa “envio”, “partir”, “sair”. Todo o “envio” pressupõe um ponto de partida, um ponto de chegada e uma tarefa a ser cumprida. O ponto de partida é Deus-Pai, que envia o Filho e o Espírito Santo, que enviam à comunidade, destinatária e protagonista do anúncio do Evangelho. Já os membros da comunidade são convidados a sair, e ir ao encontro dos outros irmãos e irmãs, até os confins do mundo. O ponto de chegada é a alegria da vida plena no Reino de Deus. A tarefa é anunciar a proximidade desse Reino anunciado, convidando as pessoas a se tornarem discípulos de Jesus, seguidores do seu Evangelho e anunciadoras do seu Amor.

Mas o termo latino, *missio* quer dizer também “libertar”, “deixar andar”, “soltar”: o envio tem tudo a ver com liberdade e libertação. Esse sair para anunciar o Reino de Deus precisa “andar solto”. As estruturas muitas vezes prendem o Evangelho. As amarras institucionais não soltam a missão nem os missionários pelo mundo afora: há sempre uma “necessidade” que prende a missão “aqui”, interrompendo o fluir da Graça da alegria do Evangelho. O Espírito, ao contrário, é como um rio: precisa ir à procura do mar, pelos caminhos que só Deus conhece, muitas vezes fora da lei e dos trilhos de nossa compreensão.

A Igreja não é feita para ficar apenas constituída em suas instituições, em seus assentos e em suas estruturas: ela foi criada para estar em movimento, pegar fogo e se lançar ao mundo *ad gentes*. Essa é sua natureza: sua razão de ser é estar em “sair”.

Mas essa sua saída não está somente em um deslocamento aventureiro para “pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa” (EN 19); nem em uma intensa ação de visita a famílias e comunidades pelos cantos mais remotos de nossas áreas missionárias; nem simplesmente trilhar veredas pelos caminhos do mundo pluricultural encarando os desafios lançados por uma sociedade cada vez mais globalizada e tecnocrática.

A saída da qual o Documento de Aparecida e o papa Francisco falam, é uma saída profunda, que toca as dimensões mais íntimas da vida dos discípulos missionários e da Igreja como um todo. Não é sair simplesmente para impor a nossa vontade e a nossa visão de mundo, querendo “organizar” o mundo dos outros. Isso não é missão: é dominação. Não é sair simplesmente para estender a nossa influência na sociedade secularizada e agregar assim mais adeptos à nossa instituição. Também isso não é missão: é proselitismo. Não é somente sair com as boas intenções de fazer do mundo uma só família e ser solidários com os mais pobres, e buscar com isso apenas uma realização pessoal. Da mesma forma, isso não é missão: é autocomplacência.

A saída missionária exige purificação, atitude penitencial e uma profunda conversão: “impõe-se uma conversão radical da mentalidade para nos tornarmos missionários” (RMi 49). Por isso necessitamos de uma ação insistente, paciente e participativa de mudança de mentalidade da qual possam surgir uma nova maneira de pensar, de agir, de acreditar, de caminhar e de sonhar para continuar a semear a esperança do Evangelho no meio de todos os povos.

Mais do que isso, o conceito e a prática da missão mudam radicalmente a perspectiva da saída. Essa mudança consiste em passar da visão de missão como “expansão” à missão como “encontro”. Ao contrário de visualizar as pessoas para que estas sejam, de alguma forma, catequizadas, “redimidas” ou “salvas”, tal como “objetos” ou “alvos” da ação eclesial, a prática contemporânea da missão transforma-se profundamente ao tentar compreendê-las como o “outro” a ser encontrado. Missão, portanto, não é apenas um *fazer coisas para* pessoas. É, em primeiro lugar, *ser* companheiro dos pobres (cf. DAp 398) e hóspedes na casa dos outros.

O encontro com Jesus Cristo é proporcionado pela maneira com a qual nos aproximamos e encontramos as pessoas. “Na América Latina e no Caribe - diz o papa Francisco - existem pastorais ‘distantes’, pastorais disciplinares que privilegiam os princípios, as condutas, os procedimentos organizacionais, sem proximidade, sem ternura, nem carinho. Ignora-se a ‘revolução da ternura’, que provocou a encarnação do Verbo. Há pastorais posicionadas com tal dose de distância que são incapazes de conseguir o encontro: encontro com Jesus Cristo, encontro com os irmãos. Esse tipo de pastoral pode, no máximo, prometer uma dimensão de proselitismo, mas nunca chega a conseguir inserção nem pertença eclesial. A proximidade cria comunhão e pertença, dá lugar ao encontro. A proximidade toma forma de diálogo e cria uma cultura do encontro”.

Sair, portanto, é um processo profundamente pascal, uma passagem que nos transforma e nos converte em discípulos e discípulas de Jesus através um tempo crítico de peregrinação rumo ao mundo do outro. É uma viagem necessariamente para fora e para dentro de nós mesmos. A missão autêntica, quer que a vivamos como processo psicológico, sociológico ou geográfico, implica sempre vida, morte e ressurreição.

Pe. Estêvão Raschiatti, SX, é missionário xaveriano e diretor do Centro Cultural Conforti em Curitiba (PR).